

HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO E MEMÓRIAS: TRAJETÓRIAS DE DUAS PROFESSORAS QUE TRABALHARAM NO MOVIMENTO BRASILEIRO DE ALFABETIZAÇÃO EM ARAQUÉM

Dejane Oliveira de Menezes¹
Professor Orientador: José Edvar Costa de Araújo²

INTRODUÇÃO

O presente resumo foi escrito a partir de entrevistas realizadas com duas professoras que trabalharam no Movimento Brasileiro de Alfabetização – MOBRAL, em Araquém, um distrito do Município de Coreaú, Ceará. As entrevistas foram feitas por meio de um trabalho de pesquisa desenvolvido na disciplina de História da Educação e das Ideias Pedagógicas, ministrada no primeiro período do curso de Pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú, no ano de 2019. Adotou-se a história oral como recurso metodológico para a pesquisa. Como base teórica, fez-se uso do pensamento de alguns autores que tratam sobre as temáticas do estudo.

O objetivo desse trabalho é registrar as memórias de educadores que não tiveram visibilidade ao longo do tempo na História da Educação, mas que, como qualquer outro educador, contribuíram para a educação brasileira, e, dessa forma, “dar voz” às suas memórias e vivências através de suas recordações, para que elas possam ser ressignificadas e conhecidas. As professoras entrevistadas foram: Lucilene Teles de Menezes, de 70 anos e Maria Cardoso de Albuquerque, de 81 anos. Ambas trabalharam no MOBRAL no distrito de Araquém, onde residem atualmente. Lecionaram no contexto da Ditadura Militar brasileira e contribuíram enormemente para a educação de Araquém.

De acordo com Meihy (1996) a história oral permite preservar a memória. O autor também ressalta que: “muitos trabalhos de história oral registram a trajetória de pessoas idosas e, por meio delas recompõem aspectos da vida individual, do grupo em que estão inseridas [...]” (MEIHY, 1996, p. 9). A memória também é uma forma de redescobrir uma

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UEVA, dejanemenezes18@email.com;

² Professor orientador: Doutor em Educação pela Universidade Federal do Ceará- UFC, edvarcosta@gmail.com;

trajetória educacional, logo, preservar a memória de educadores que não tiveram destaque e notoriedade na sociedade, significa manter viva as suas histórias de vida e o papel que eles desempenharam na sociedade no contexto histórico em que estavam inseridos.

METODOLOGIA

A pesquisa foi feita a partir de entrevistas realizadas com duas professoras que trabalharam no MOBRAL no distrito Araquém. Inicialmente foi feita uma análise para saber quais professores seriam escolhidos para o trabalho. Além da idade avançada, a escolha das entrevistadas deveu-se também ao fato de as mesmas se conhecerem e terem trabalhado na mesma época. Assim, a fala de uma estava relacionada a da outra. Em seguida, foi a vez de entrar em contato com as professoras escolhidas e verificar se elas aceitariam que a entrevista fosse filmada. Após confirmarem que aceitariam, elas escolheram o dia e o lugar da entrevista e optaram por esta ser realizada em suas casas.

As entrevistas aconteceram no dia 29 de julho de 2019, na casa de cada uma das entrevistadas. Ambas trabalharam no Movimento Brasileiro de Alfabetização no distrito de Araquém e são aposentadas atualmente. Estava previsto para as entrevistas serem realizadas seguindo um roteiro de 12 perguntas pré-elaboradas que tratavam sobre memórias, vivências e opiniões das entrevistadas. Porém, com as falas das professoras, foram surgindo novas dúvidas e curiosidades a respeito do trabalho realizado por elas no MOBRAL. As dúvidas foram transformadas em novas perguntas e inseridas no roteiro.

As falas das professoras foram registradas em um vídeo, dessa forma, o que eram apenas recordações, passaram a ser fontes sobre a História da Educação de Araquém. No dia da gravação do vídeo houveram momentos em que a entrevista teve que ser pausada, pois as professoras tiveram dificuldades de lembrar de alguns fatos. Contudo, apesar da idade avançada e das falhas de memória, o que uma falava na entrevista condizia com o que a outra relatava.

REFERENCIAL TEÓRICO

Para Aranha (1996) é importante estudar fatos que aconteceram no passado, pois este deixa suas marcas no presente. Assim, somente estudando o passado é que se pode compreender muitos fatos hodiernos. Compreender como era a educação do MOBRAL

requer também o entendimento das propostas e métodos educacionais do programa de alfabetização.

O Movimento Brasileiro de Alfabetização foi um programa educacional criado no período da Ditadura Militar brasileira e “[...] visava atingir um grande contingente popular, tratava-se de uma campanha de massa que se dizia a solução contra o analfabetismo que predominava na época.” (PESSOA E SANTOS, 2015, p.3). O analfabetismo era visto como um grande problema que deveria ser combatido, porém, o interesse em combatê-lo visava erguer o desenvolvimento econômico do país, e não a melhoria da educação.

O MOBREAL foi promovido em um período que a democracia brasileira sofreu um golpe, em uma conjuntura de repressão e silenciamento. A educação do MOBREAL não formava cidadãos críticos e não os levava a refletir sobre sua realidade social. “Vale ressaltar que o movimento foi de alcance nacional, e que suas práticas educacionais estavam de acordo com o regime antidemocrático e autoritário vivenciado pela sociedade brasileira no período.” (SANTOS, 2016, p.8)

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A primeira professora a ser entrevistada foi Maria Cardoso de Albuquerque. Ela relatou sobre sua trajetória como professora, os desafios enfrentados na carreira e compartilhou lembranças da época que lecionava. Poucos anos após Maria concluir o ensino fundamental, surgiu a oportunidade de trabalhar no Mobral. Ela relatou que conseguiu fazer o treinamento do Mobral porque seu pai era vereador, e a pedido dele, o prefeito de Coreaú deu a ela o cargo de professora. Maria começou a lecionar aos 19 anos de idade, ela mencionou que não existia separação dos alunos nem por série nem por idade, todos estudavam o mesmo conteúdo e a turma era formada por adolescentes e adultos. No início da carreira, Maria trabalhava em casa, por isso, todo o ambiente de trabalho era improvisado.

Quando questionada sobre a forma como avaliava os alunos, a entrevistada falou que dava as notas de acordo com as provas que ela mesma elaborava para a turma. As provas sempre estavam relacionadas ao conteúdo da cartilha pela qual os alunos estudavam. Ela ensinava os conteúdos básicos de alfabetização que eram exigidos pelos supervisores do Mobral, envolvendo português, matemática, ciências, estudos sociais e religião. Maria relatou que, o que a fez ser professora foi a necessidade e a falta de oportunidade de emprego no

lugar onde morava, mas com o passar dos anos foi criando amor pela profissão e até hoje sente saudades da época que ensinava. A maior dificuldade que ela enfrentou como professora foi relacionada ao salário, que era comum atrasar alguns meses.

Indagada sobre como enxergava a educação no Brasil atualmente, Maria respondeu que “a educação está sendo uma coisa muito boa, eles sabem mais, têm mais estudo”. Em sua fala, Maria ressaltou a importância da educação ao afirmar que “sem educação ninguém vale nada”. Ela também relatou que tem poucas lembranças da cartilha que usava nas aulas, só recorda que os alunos usavam a cartilha e o caderno, e sempre ao final da aula passava uma “tarefa de casa”. Quando questionada sobre a diferença entre ser professor atualmente e na época do MOBREAL, a entrevistada relatou que “os meninos estão mais rebeldes e teimosos hoje em dia”. Por isso, ela disse que, para ser um bom professor é necessário ter muita paciência, pois dentro da sala de aula convivem alunos com temperamentos e opiniões diferentes.

A segunda entrevistada foi Lucilene Teles de Menezes, que contou sobre seu treinamento para ser professora do MOBREAL e compartilhou lembranças. Lucilene começou a lecionar no Mobral em 1972 e ensinava alunos de 16 a 24 anos. Ela relatou que não cursou o ensino superior, sua formação foi apenas o ensino fundamental e o treinamento para o MOBREAL. A entrevistada contou que o prefeito de Coreaú reuniu um grupo de pessoas e as levou para fazer o treinamento na cidade de Sobral, entre essas pessoas estava Maria Cardoso de Albuquerque. O treinamento de capacitação reuniu pessoas de várias cidades e era composto por palestras sobre diversos assuntos, dentre eles, a temática de como ser um bom professor.

Lucilene contou que dava aula em sua própria casa e todo o espaço era improvisado. Não havia cadeiras para todos os alunos sentarem e nem lousa para escrever, por isso, o marido dela improvisou alguns bancos feitos de madeira e construiu uma lousa de cimento na parede. As aulas aconteciam no turno da noite, pois boa parte dos alunos trabalhava durante o dia. Não havia energia elétrica no local das aulas, a iluminação vinha de um lampião, mas era muito precária. Lucilene recebia os suprimentos para a merenda escolar em sua casa. Ela relatou que todos os alunos vinham de famílias muito pobres, por esse motivo, a hora da merenda era um momento muito esperado. Lucilene avaliava os alunos por meio de provas e também usava o comportamento como um meio de atribuir nota, pois para ela, o comportamento era um fator muito importante. Ao final de cada mês sempre vinha alguém fiscalizar, para saber se as aulas realmente estavam acontecendo.

A entrevistada relatou que, o que a fez ser professora foi a falta de emprego no lugar que morava. Quando questionada sobre as diferenças que vê entre ser professor atualmente e na sua época de trabalho no MOBRAL, Lucilene disse que “naquele tempo não tinha muita exigência e os alunos eram melhores, mais comportados, hoje eles são muito desobedientes”. Ela também falou que “sempre que vejo um lampião eu lembro das aulas que eu dava, lembro dos alunos correndo para pegar o melhor lugar das cadeiras e dos bancos”. Por fim, a entrevistada disse que, para ser professor, primeiramente é preciso ter muito amor pela profissão, além de ter muita paciência, compreensão e saber disciplinar os alunos.

Por meio das falas das entrevistadas foi possível perceber que a educação oferecida pelo MOBRAL em Araquém era muito precária, tanto pela falta investimento em infraestrutura do local das aulas, como pelo tipo de ensino oferecido, que servia apenas para a alfabetização funcional dos estudantes. Mesmo tendo acontecido em um contexto de Ditadura Militar, é inegável que o MOBRAL oportunizou a alfabetização gratuita de adultos que não tiveram a chance de frequentar a escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A memória é fonte rica de informações e serve como um guia para a reconstrução do passado que não foi registrado. Assim, explorá-la significa impedir o esquecimento das informações ao longo do tempo. Quando estimulada e compartilhada, a memória mantém-se viva. Portanto, o que foi gravado nas entrevistas com as professoras do MOBRAL foi uma forma de manter viva suas memórias e compreender como um processo educacional se deu ao longo do tempo. Através do compartilhamento das memórias de Lucilene e Maria foi possível perceber algumas diferenças da educação do Movimento Brasileiro de Alfabetização, no regime de Ditadura Militar, para a educação do Brasil redemocratizado.

As professoras entrevistadas exerceram suas práticas educacionais num período histórico, e muitas práticas que eram comuns à época, hoje podem ser vistas como “ultrapassadas”, mas é importante deixá-las registradas para que a geração atual e as gerações futuras compreendam uma trajetória educativa. Finalmente destacamos a importância da história oral, que permitiu estimular a memória de educadores, possibilitando registrar ideias e metodologias importantes para a História da Educação.

Palavras-chave: História da Educação, Memórias, Movimento Brasileiro de Alfabetização.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1996.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 1996.

SANTOS, Auristela Rodrigues; PESSOA, Ana Danielly Leite Batista. **Movimento Brasileiro de Alfabetização–Mobral**: democratizando memórias e desvelando propostas legais pedagógicas. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/ncdh/wp-content/uploads/2017/11/IX-SIDH_Anais-Eletr%C3%B4nicos_24_11_17.pdf>. Acesso em 17 jul. 2021, 10:35

SANTOS, Auristela Rodrigues dos. **História e memórias do MOBREAL**: entre o documento básico do MOBREAL e os relatos dos ex-participantes (1967-1985). UFPB - Campus I - Centro de Educação (CE) - Trabalhos de Conclusão de Curso de Graduação TCC - Pedagogia. 11-Out-2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/1415>>. Acesso em: 17 jul. .2021, 10:39